

## **Memória e identidade em “Infância”, de Graciliano Ramos.**

Marcos Antônio Ferreira da Rocha (UERJ)

A memória tem o poder de remeter o indivíduo para o passado a fim de reconstruí-lo. As cenas imagéticas selecionadas são as mais significativas para ele. Daí o processo formador de identidade que ora mostra-se individual, ora mostra-se social. Esta elabora um passado através de reminiscência, que se encontrem ou passem na história do sujeito, interligadas com outros grupos sociais. E, aquela, identidade individual, atém-se a recortes da história da pessoa que se desencadeia numa forma de identificação individual.

O ato de lembrar como um meio saudosista se reporta para a infância, onde tudo é visto com um ar de perfeição. O momento presente passa a ser anulado, pelo menos, temporariamente, dando espaço para que o pensamento leve o espírito até o mundo da infância, firmando-se assim uma vida contemplativa, segundo Henry Bérgson.

As imagens e as lembranças movimentam-se em busca de um passado, de um acontecimento pertencente à própria história do sujeito. A consciência, assim, num jogo dialético entre imagens e reminiscência assemelha-se a foco de câmera fotográfica em que a realidade passa a ser descrita como recortes instantâneos.

O romance Infância, de Graciliano Ramos será analisado no que diz respeito à relação da memória com as identidades individual e social através da seleção das imagens e, conseqüentemente, da

representação destas de modo que haja certa transcendência daquilo que se vê.

## **A seleção das imagens**

No romance memorialístico “Infância” o narrador, em primeira pessoa, relata cenas de um passado, ora de descobertas, ora de conscientização de uma identidade social existente em cada indivíduo. A história se passa, em Buique, cidade natal do narrador. E lá que ele tem suas primeiras experiências com a realidade. Os grupo familiar e social são os agentes responsáveis pelo desenvolvimento do corpo e da mente do sujeito. Os objetos também contribuem para a formação do indivíduo na proporção em que se relacionam com eles. O narrador recorda acontecimentos da sua infância.

A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutra posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez, nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma. De qualquer modo a aparição deve ter sido real. Inculcaram-me nesse tempo a noção de pitombas – e as pitombas me serviram para designar todos os objetos esféricos. Depois me explicaram que a generalização era um erro e isto me perturbou. (RAMOS, 1953, p.7)

O binômio palavra e imagem se funde e, simultaneamente, se dissocia, posto que a palavra estabelece um jogo polissêmico em diferentes contextos. Podemos reescrever um dado enunciado de variados modos, permanecendo este com o mesmo sentido. Como diz Otavio Paz “dois atributos distinguem as palavras: primeiro, sua mobilidade ou impermutabilidade; segundo, em virtude de uma mobilidade, a capacidade de uma palavra pode ser explicada por outra” (PAZ, 1982, p.10). E a imagem-palavra, se podemos chamá-la assim, passa a ser construída na nossa memória (imaginação) por meio de palavras que gradativamente elaboram cenas de um passado, “a primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas escondido atrás de uma porta” (RAMOS, 1953, p. 7).

Em Infância as imagens voltaram-se a um passado a partir do tempo presente. Não há lembrança-imagística de um passado sem a relação do corpo com o mundo que nos rodeia. Os estímulos exteriores vão ao encontro do estado interior do homem, para então acontecer certa seleção de imagens, que busca representar o sujeito em forma de identidade individual, em geral, permanecendo no plano do inconsciente. Vejamos o trecho abaixo:

Buíque tinha a aparência de corpo aleijado: o largo da feira formava o tronco; a rua da Pedra e a rua da Palha serviam de pernas, uma quase estirada, a outra curva, dando um passo, galgando um monte; a rua da cruz onde ficava o cemitério velho, constituía o braço único, levantado; e a cabeça era a igreja, de terra fina, povoada de corujas. (RAMOS, 1953, p. 9)

Buíque, como espaço fundamental para desencadear todo um processo de lembrança, é comparada a um corpo aleijado. Segundo Bérqson, o corpo é um objeto que move outros objetos, sendo logo um centro de ação. Nesta descrição da cidade de Buíque, como um corpo aleijado, as imagens estabelecem certa interligação entre os lugares que foram selecionados, desde o largo da feira até a igreja da torre fina, formando uma consciência individual do sujeito ao voltar-se a um passado de lembranças.

### **Imagens e lembranças: identidade individual e social**

No pensamento bergsoniano a ação do corpo implica na seleção de imagens, que de alguma forma tem um sentido para o sujeito. Os sons, os cheiros e as cores são estímulos para que este corpo desperte imagens, até então, adormecidas. O corpo, portanto, reage as lembranças desagradáveis ou às lembranças agradáveis, deixando o estado de espírito do sujeito ora esfacelado, ora vibrante. As imagens passam na mente do indivíduo como se fossem **flashes** interligados ou inacabados entre si. elas estão sempre buscando um sentido para o sujeito, enquanto peça primordial nesse processo de contínua construção individual ou social.

Em “Infância”, romance de memória, as lembranças reconstroem um passado numa espécie de jogo em que a história do sujeito é revivida, evidentemente, que diferente da primeira experiência. Assim, as imagens estão sempre em contínua mudança: “Achei-me, horas depois, dia claro, escanchado na maçaneta de uma sela, horri-

velmente sacolejado pelo trote de um cavalo, grossas mãos amparando-me.” (RAMOS, 1953, p.42).

O sujeito vê-se num tempo passado rodeado de objetos que o complementam ao estabelecer uma espécie de relação com eles. Objetos estes que ora são expressivos para sua historia de vida; ora são definidos de um olhar próprio de ver o mundo, através de um tempo psicológico pelo qual a imaginação transporta-o para lembranças-imagísticas que podem durar uma eternidade: “Algum tempo depois eu e minha irmã brincávamos junto dele. Corríamos daí para copiar, voltávamos, descansávamos um instante na sombra” (RAMOS, 1953, p. 69).

O estado de espírito mostra-se em uma sucessão de lembranças imprecisas a partir do tempo presente que muitas vezes nos remete para um futuro. Essas imagens- lembranças, segundo o grau de receptividade do sujeito, podem ter uma duração “infinita” ou simplesmente passarem sem mesmo que o sujeito perceba. Na visão de Benedito Nunes, “uma pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivermos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos” (NUNES, 1986, p. 42).

Em “Infância” assim como no texto proustiano “Em busca do tempo perdido”, o tempo é explicitado por um “eu” que deixa de ser conduzido por meio de lembranças e liberdade, cujo estar no mundo e com o mundo se dilui na consciência ou no inconsciente. Em Proust:

Aquele gosto era o do pedaço de Madalena que no domingo de manhã em Combray (pois no domingo eu não saía antes da hora da missa) minha tia Leônia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá da Índia ou da Tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto... (PROUST, 1948, p. 47)

E em Ramos:

Mergulhei numa cumprida manhã de inverno. O açude apoiado, a roça verde, amarela e vermelha, os caminhos estreitos mudados em riachos, ficaram-me na alma. Depois veio a seca. Árvores pelaram-se, bichos morreram, o sol cresceu, bebeu as águas, e ventos mornos espalharam... (RAMOS, 1953, p. 19)

Partindo do pressuposto de que as lembranças estão associadas ao ato do trabalho, segundo Halbwachs, percebemos a tentativa de se construir uma identidade individual a partir do trabalho minucioso da leitura: “Eu precisava ler, não os compêndios escolares, insossos, mas aventuras, justiça...” (RAMOS, 1953, p. 210). E, ainda: “A pretexto de ver os trabalhos, escapulia-me com o romance debaixo do paletó, voltava (...), ia esconder-me na sala” (RAMOS, 1953, p. 210). Assim, o indivíduo lança um olhar para o passado buscando refazer e repensar fatos já vivenciados que apresenta um sentido oposto, no momento presente, àqueles pertencentes a um mundo distante do atual. O narrador, lê para construir a sua individualidade, pois no ato da leitura, as lembranças juntamente com as imagens se fundem de modo que a memória armazena informações significativas ou marcantes para a formação das identidades individual e social. O pensamento bergozoniano afirma:

Ao contrário, a lembrança de tal leitura particular, a segunda ou a terceira por exemplo, não tem nenhuma das características do hábito. Sua imagem imprimiu-se necessariamente imediato na memória, já que as outras leituras constituem, por definição, lembranças diferentes. (BERGSON, 1990, p. 61)

O ato de ler apresenta-se em Bergson como uma seqüência distintas das precedentes. As lembranças são sempre deferentes durante os variados momentos da leitura. Não decodificamos os signos lingüísticos de um texto em sucessivas vezes repetidas. Eles estão mergulhados num jogo polissêmico de sentido que o estado de espírito do sujeito contribui para a realização da leitura. A partir disso, emergem, na nossa memória, imagens e lembranças renovadas. Já em Graciliano Ramos, o ato de ler busca expressar certa conscientização do sujeito enquanto agente do seu processo histórico. O narrador mantém uma distancia do passado, trazendo-o para o presente por meio da memória que desencadeia as imagens e lembranças de uma infância repleta de descobrimentos pelos quais os objetos à sua volta entram em contato com a percepção corporal do narrador, transformando-o em um componente individual e social do seu tempo: “Demorei a atenção nuns cadernos de capa enfeitadas por três faixas virtuais, borrões, nódoas cobertas de riscos semelhantes aos dos jornais e dos livros” (RAMOS, 1953, p. 100).

E, ainda;

Descobri um folheto de capa amarela e papel ordinário, cheios de letras miúdas, as linhas justas, tão juntas que para um olho inexperienced os saltos e as repetições eram inevitáveis. Creio que isso

me pareceu depois do meu acesso de religião. Deve ter sido por aí. Os santos que penduravam nas paredes do meu quarto cresceram demais. Diminuíram e foram substituídos pelos seres que povoavam as histórias volumosas. (RAMOS, 1953, p. 200)

O narrador descreve duas etapas no ato de ler: a primeira compreende o contato preliminar do sujeito com o livro em que se observa a obra, analisando a parte externa e posteriormente o título do texto. Lemos e releemos este título numa atitude inconsciente, para deciframos o conteúdo, que muitas vezes, não corresponde à primeira impressão-perceptiva do livro. Em um contato mais duradouro e perspicaz com esta obra, passamos a imaginá-la com maior intensidade, estabelecendo elos entre imagens e lembranças na busca precoce de sentidos para o mundo das letras. Essas imagens-lembranças dar-se-ão no instante em que a consciência do indivíduo atinge o lado de fantasia e do sonho que, por sua vez, reflete uma realidade do tempo presente. O terceiro momento envolve o exame do texto sem nenhuma ordem estabelecida para então fixarmos um ponto que nos levará a atribuímos juízo de valor a obra. A partir do terceiro plano, temos o narrador diante do seu próprio conhecimento de mundo, ao associar idéias de um passado a um tempo presente. A fusão destas duas imagens resulta numa outra lembrança que mostra o sujeito não mais como era antes, mas com nova cosmovisão que se expressa numa identidade individual. Segundo H. Bergson, “nossa experiência passada é uma experiência individual e não mais comum, porque

temos sempre muita lembranças diferentes capazes de se ajustarem igualmente a uma mesma situação atual” (BERGSON, 1990, p. 62).

Os espaços na narrativa Infância contribuem para a formação de uma identidade individual e social na medida que a memória do narrador se volta ao passado. As imagens apresentam nesta narrativa a escola como um lugar, onde a repressão e a severidade estão sempre presentes, nas lembranças do narrador, a “escola, segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes”. (RAMOS, 1953, p. 47). No entanto, ao passar do tempo, o narrador percebe que a escola não era bem assim como havia relatado a ele, embora já tivesse presenciado crianças transtornadas no espaço escolar. Não teria esse comportamento. Era uma criança, cujas brincadeiras não faziam barulho:

Eu me comportava direito: encolhido e morno, deslizava como sombra. As minhas brincadeiras eram silenciosas. (...) Em consequência, possuía idéias absurdas,....” (RAMOS, 1953, p. 108).

O narrador lembra-se da escola como um espaço desagradável onde a presença autoritária da família e do pai dele permanece sempre por perto. A partir dessa relação da criança com o grupo escolar, passa-se à construção de uma identidade individual e, conseqüentemente, social que ora mostra-se pessimista, ora otimista. O contato do narrador com os fatos, objetos e pessoas durante a infância definirá atitudes e hábitos do sujeito com o mundo, ou seja, todo um comportamento adulto. A interação do homem com esses elementos re-

sultará em lembranças que podem povoar a mente dele de saudades ou pode contrariar seu Eu.

As cenas que vivemos durante o período da infância, normalmente, são recordadas na idade adulta. As imagens-lembranças passam a ser aquelas que se voltam a uma re-construção do passado. O narrador em “Infância” menciona o lugar onde morava com um apego significativo. Ele lembra da fauna e da flora com pormenores, tais como das árvores frutíferas em que os meninos colhiam frutos; e os sons dos animais ao anoitecer. Enfim, a vila, espaço da infância do narrador, é descrita de forma sempre inédita e perfeita. As Igrejas têm torres finas e povoadas pelos pássaros; os becos iam até o sítio de Seu Paulo Honório, indo também até a lagoa. A memória do narrador assim percorre todo um passado em que se viveu num espaço, responsável pelas imagens-lembranças. Lembranças estas que de algum modo marcaram os primeiros anos de vida do sujeito. E foram também expressivas em relação às atitudes tanto do corpo quanto da mente numa fase de maturidade pessoal.

O espaço da casa do narrador, em Buíque, é sempre descrito ao longo da narrativa como uma característica indissociável da construção de uma identidade pessoal ou individual deste narrador-memorialístico. É a partir do seio familiar que passamos a interagir com os objetos a nossa volta e também com o grupo social. “A nossa casa era na rua de Palha, junto à de D. Clara, pessoa grave que tinha diversos filhos” (RAMOS, 1953, p. 55). Daí a formação pessoal e, coletiva do sujeito. A memória logo é aquela possuidora de um cam-

po esférico não mais isolado, mas sim socializador, posto que abrange não só o individual, mas também o social ou coletivo. Isso acontece ao “confundirmos” o que nos contaram e o que, realmente vivenciamos no ato da recordação de cenas da nossa infância. Como diz Goethe em VERDADE E POESIA, “Quando queremos lembrar do que aconteceu nos primeiros tempos da infância, confundimos várias vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças...” (GOETHE, 1982, p. 22)

As lembranças que povoam a mente do narrador em Infância exprimem saudade do grupo familiar. O avô é um personagem cultivador de suas terras, ele preocupa-se com os animais que lá habitam. Esse papel do velho, resgatado, pelo narrador, é de patriarca e de transmissor de um saber não só através da memória, mas também de uma vida ativa. O duplo papel do velho na romance-memorialístico “Infância” centra-se nos tempos presente e futuro. No presente as experiências do cotidiano são ainda mantidas. Só num momento de fadiga lança mão da memória, a fim de relacionar o passado a fatos atuais. Imagens e lembranças surgem na sua mente como ocupação ou trabalho memorialístico. Já a memória do jovem adulto segundo Holbswachs é de contemplação e de lazer.

Percorremos a narrativa “Infância” com um olhar analítico e uma memória atenta a registrar cenas e acontecimentos deste romance, formando imagens através das quais trazemos à tona o pensamento de Henry Bérson que trata de memória no sentido corporal e espiritual, ao passo que Maurice enfoca a memória numa perspectiva

social. Verificamos também que a memória é um mecanismo gerador de identidades individual e social. Em “Infância”, estas identidades são manifestadas através dos múltiplos personagens de Graciliano Ramos que, muitas vezes, são descritos sob um processo de características inconscientes do próprio autor.

## Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BERGSON, Henry. Matéria e Memória. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade; Lembranças de Velhos. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 1987.

CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. **In:** BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade; Lembranças de Velhos. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 1987. p. XVII: XXXII.

EAGLETON, Terry. Literary Theory. Oxford, Blackwell, 1990.

PAZ, Otávio. A Imagem. **In:** O Arco e a Lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RAVOS, Graciliano. Infância. 3. ed. Rio de Janeiro: São José Olímpio, 1953.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1979.

PROUST, Marcel. Em Busca do Tempo Perdido. São Paulo: Perspectiva, 1975.